



USO SEGURO DE PLANTAS MEDICINAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA E APLICAÇÕES DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Fátima Armando J. D. Agostinho¹
Andréa Bessa Teixeira²

RESUMO

RESUMO

O uso de plantas medicinais tem se intensificado, especialmente com a ampla circulação de informações na internet e redes sociais. Muitas pessoas têm substituído medicamentos convencionais por chás ou infusões, sem conhecimento aprofundado, acreditando que “o natural não faz mal”. Essa prática pode causar intoxicações, efeitos adversos e tratamentos ineficazes, mostrando a importância de orientação científica e educação em saúde. Nesse contexto, o objetivo do trabalho é relatar a experiência vivenciada no Núcleo de Farmácia e Fitoterapia de Fortaleza (NUFITO), destacando a importância da orientação científica no uso de plantas medicinais e discutindo como ferramentas de Inteligência Artificial (IA) podem contribuir para o ensino, a pesquisa e a extensão, promovendo maior segurança e acesso qualificado à informação. Trata-se de um relato de experiência realizado durante estágio no NUFITO, onde foram observadas práticas de automedicação e uso inadequado de plantas medicinais pela comunidade. A vivência foi enriquecida por revisão de literatura sobre espécies utilizadas no Brasil e em Moçambique, abordando potenciais terapêuticos e riscos. A inclusão das espécies moçambicanas justificou-se pela origem do estudante, que buscou estabelecer um paralelo entre sua tradição cultural e a realidade brasileira. Além disso, exploraram-se aplicações da inteligência artificial no suporte à análise de dados, produção de materiais educativos e estratégias de divulgação científica, visando integrar o saber popular e o conhecimento acadêmico. Nesse contexto, identificou-se que, em Moçambique, espécies como a moringa (*Moringa oleifera*), o avô de gato (*Cissus quadrangularis*) e a kinkeliba (*Combretum micranthum*) são comumente utilizadas para o tratamento de febres, dores e inflamações. No Brasil, por sua vez, destacaram-se a erva-doce (*Pimpinella anisum*), a hortelã (*Mentha sp.*) e o sabugueiro (*Sambucus nigra*), frequentemente associadas ao manejo de problemas digestivos e sintomas gripais. Embora apresentem reconhecido potencial terapêutico, essas espécies, quando utilizadas de forma indiscriminada, podem causar efeitos adversos e comprometer a eficácia do tratamento, sobretudo quando empregadas como substitutas de medicamentos prescritos. Essa constatação reforça a necessidade de orientação científica e acompanhamento profissional. A vivência no NUFITO proporcionou ainda uma percepção para o uso da IA como recurso estratégico no fortalecimento do tema “uso seguro de plantas medicinais” no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, ao apoiar na organização de conteúdos, na análise de riscos e auxiliar na educação comunitária. Contudo, seu uso indiscriminado pode disseminar informações incorretas e não substitui a atuação profissional. Assim, deve ser vista como ferramenta complementar, integrada ao conhecimento científico e multiprofissional. A experiência no NUFITO mostrou que a integração entre programas como a Farmácia Viva e a Inteligência Artificial pode reduzir a automedicação, valorizar saberes tradicionais e tornar o uso de plantas mais seguro. Ensino, pesquisa e extensão têm papel central nesse processo, equilibrando oportunidades e riscos da era digital e fortalecendo a educação em saúde.

Palavras-chave: Farmácia viva; Plantas medicinais; Inteligência Artificial; Extensão Universitária.

UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Instituto de Ciências da Saúde (ICS)- Campos das Auroras, Discente, fatimaagostinho2002@gmail.com¹

UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA, Instituto de Ciências da Saúde (ICS)- Campos das Auroras, Docente, andreabessa@unilab.edu.br²